

Análise Arquitectónica do Claustro do Convento de Santa Clara de Guimarães
*Moesteiro de Nossa Senhora da Assumpção in Ara Celi,
da Ordem Segunda de Santa Clara da Villa de Guimaraens*

*Luís Reis
Paulo Fernandes
Mariana Abrunhosa
Nuno Silva*

Introdução

Este documento é o resultado de um trabalho académico realizado na disciplina de História da Arquitectura Portuguesa, integrada no 4º ano da Faculdade de Arquitectura do Porto, no ano lectivo de 2002/2003.

O trabalho foi realizado pelos arquitectos Luís Reis, Mariana Abrunhosa, Nuno Silva e Paulo Fernandes, enquanto alunos, sob a orientação dedicada e entusiasta do Professor Auxiliar José Quintão, co-responsável pela parte prática da disciplina, ministrada na sua parte teórica pelo Professor Catedrático Alexandre Alves Costa.

Depois de visitarmos diversos locais em Guimarães, fomos seduzidos pela presença do convento de Santa Clara, que domina volumétrica e simbolicamente um contexto marcado por ruas exíguas, onde as praças surgem como espaços de respiro. O terreiro possibilita a distância necessária à leitura cenográfica da fachada barroca. O claustro, a fachada, a dimensão do edifício e a relação com a muralha determinaram a escolha do objecto de trabalho.

Os desígnios foram registar e constatar, desenhando e escrevendo sobre a evolução histórica e espacial do convento, pesquisando os documentos existentes, e interpretando os levantamentos possíveis, num edifício que sofreu múltiplas transformações. Se o ginásio da escola, do princípio do século, torturou a antiga igreja, os escritórios e as salas da Câmara Municipal actual substituíram as celas e outros espaços conventuais. No arquivo, outrora ginásio e igreja, encontramos os documentos escritos e as plantas antigas que ajudaram a estruturar uma linha de pensamento coerente e fundamentada acerca do que possa ter sido a evolução deste edifício.

Nesta análise, tentámos desmontar a imagem actual do convento até chegar ao seu desenho inicial, procurando perceber o método arquitectónico seguido e o modo como as lógicas compositivas e construtivas materializam a regra conventual.

O Convento e sua Cerca_ da Implantação



Fig.1 - Fotografia aérea do centro histórico de Guimarães

O Convento e sua Cerca_ da Implantação

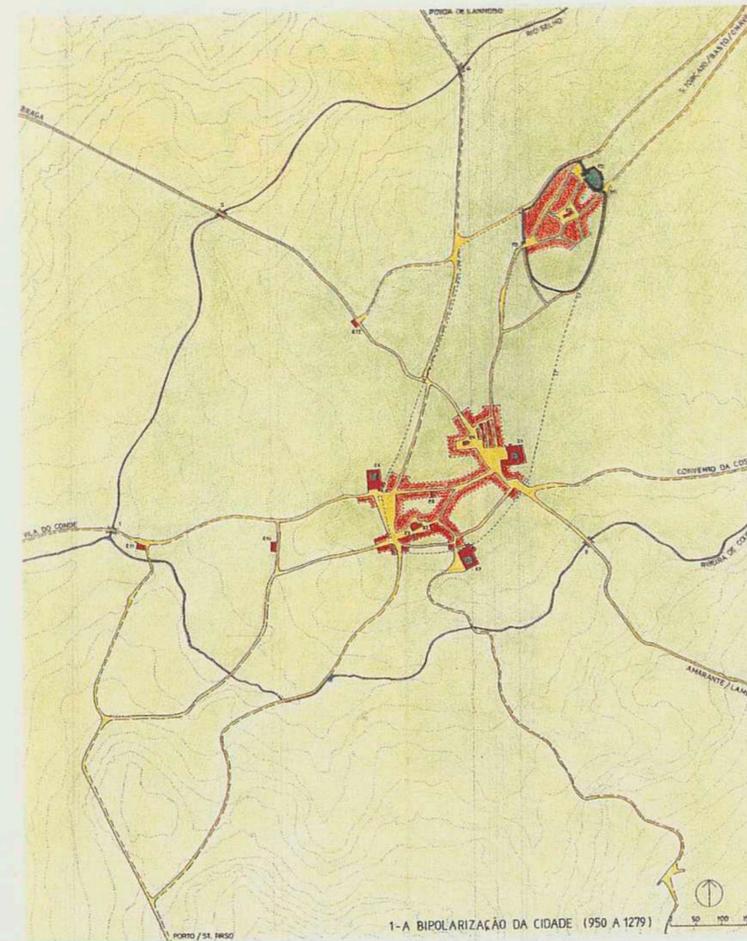


Fig.2 - Planta de Guimarães. A bipolarização da cidade (950 a 1279).

Da análise das plantas que mostram a evolução e crescimento de Guimarães desde 950, focando especialmente a área correspondente ao convento de St^a Clara e sua cerca, podemos concluir que:

1. Da intersecção entre a muralha da Vila do Castelo e a muralha da Vila de St^a. Maria da Oliveira surge a torre de St^a. Cruz e a porta da Freiria. O nome desta porta estará, porventura, relacionado com a existência dos conventos do Carmo e de St^a. Clara, edificados durante os séculos XVI e XVII, nas suas imediações.

O Convento e sua Cerca_ da Implantação



Fig.3 - Planta de Guimarães medieval, entre muralhas.

2. O crescimento da cidade apoia-se na rua de Santa Maria. Esta via Norte/Sul desaguava em dois outros arruamentos que ligavam a vila ao exterior. A ponte, a rua da Sapateira dava acesso, pela porta de S.Domingos, à via que seguia para Vila do Conde. A nascente pela porta do Postigo acedia-se à via que ligava a Amarante e Lamego.

Porta ou Torre da Vila.



Principais eixos estruturadores



Área correspondente ao convento de Santa Clara.



O Convento e sua Cerca_ da Implantação



Fig.4 - Planta da antiga vila ducal de Guimarães, com a velha cerca medieval e respectivas portas

3. O terreno ocupado pelo convento de St^a Clara, pertencia à Colegiada de St^a Maria da Oliveira, da qual Baltasar de Andrade, fundador do convento, era cónego. Este terá sido o primeiro convento a ser edificado dentro da vila muralhada, depois de D. Dinis ter mandado o convento de S.Francisco para fora das muralhas.

4. O convento de St^a. Clara está afastado da rua, dando origem a um largo entre o convento e a rua de St^a Maria. Olhando a implantação dos conventos da mesma época, como os de S. Francisco, do Carmo ou de S.Domingos, observamos que se ancoram directamente na rua.

O Convento e sua Cerca_ da Implantação

“Por alvará passado em Lisboa a 17 de Julho de 1553, obteve o cónego mestre-escola Baltazar de Andrade, a posse dumas casas, pardieiros e quintais, na rua Santa Maria, para neste local erigir um convento que projectava, em honra da Virgem Santa Clara.”?

Em 1549, lançou-se, com solenidade, a primeira pedra, tendo a esse momento assistido “o cabido da real Colegiada, e as Ordens religiosas de Guimarães.”?¹

“(…)em 1561, se fez o corpo do mosteiro, que se acabou com huma grande esmola, que deixou hum homem, que veio do Peru, natural do termo desta villa, que , quando morreu deixou que se acabace o corpo do mosteiro, e que lhe fizessem huma cappella nelle, a qual está feita, e he a da Conceição, e se chamava Brás da Leiva Prego(…)”²

As religiosas fizeram a sua entrada solene no convento a 12 de Agosto de 1562, dia de St^a. Clara, sendo a primeira e segunda abadessas, respectivamente Helena da Cruz e Francisca da Conceição, filhas do fundador.



Fig. 5 - Fotografia aérea do núcleo medieval de Guimarães.

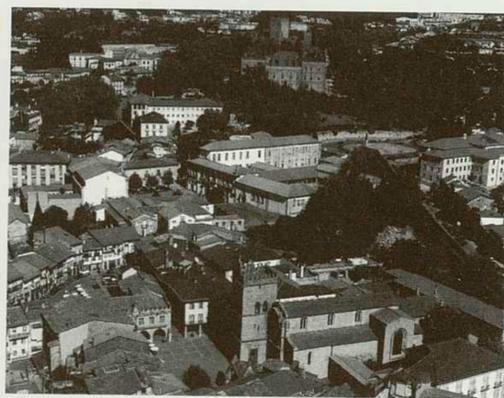


Fig. 6 - Fotografia aérea. Em cima: o Castelo e o Paço Ducal. Ao centro: o convento de St^a.Clara (actual C.M. de Guimarães). Em baixo: A igreja de Nossa Senhora da Oliveira.

¹ Francisco Xavier da Serra Craesbeck, Memórias Ressuscitadas, da província de entre Douro e Minho no anno de 1726. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, 1992.

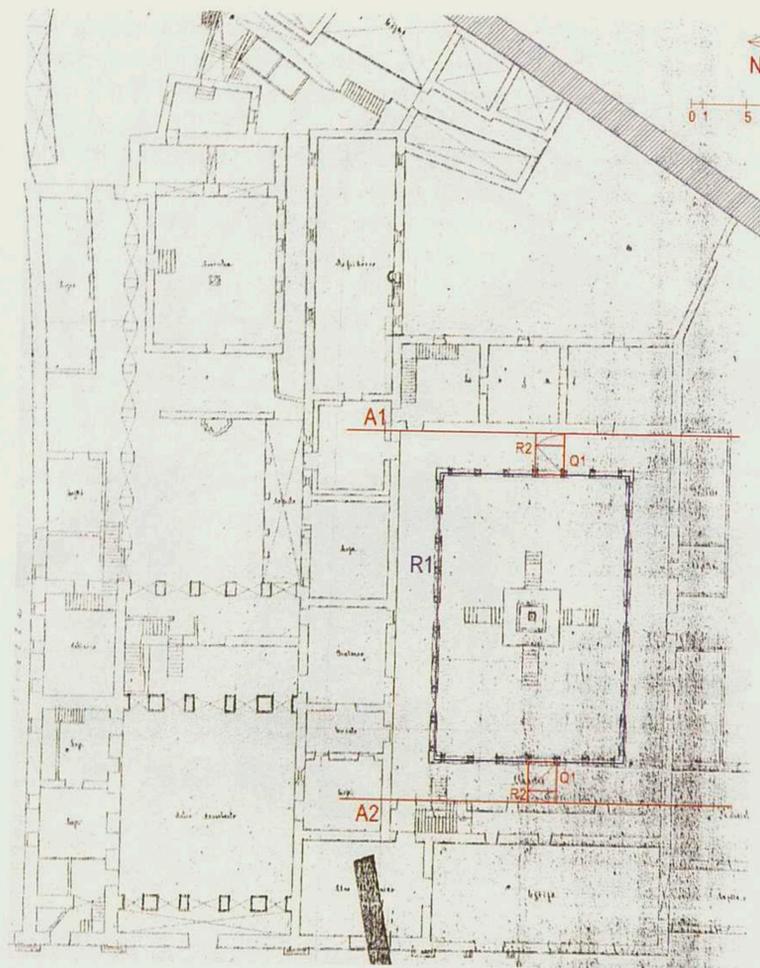
² Albano Bellino, Archeologia. Christã. Lisboa: Livraria Moderna, MDCCCC

Análise Arquitectónica_da Implantação



Fig. 7 - Desenho do claustro do convento de St^a.Clara de Guimarães

Da Implantação

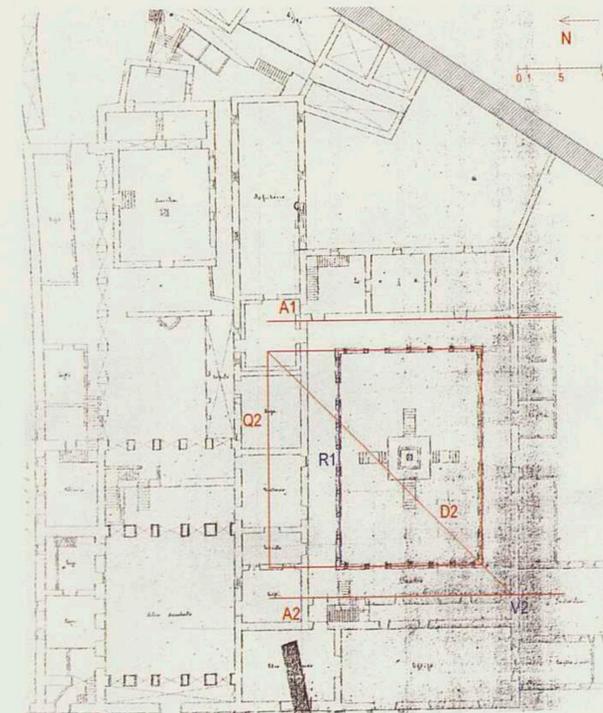


4. Ao longo da aresta Este do rectângulo (R1), escolhemos um qualquer tramo no qual construímos um quadrado (Q1) tendo como aresta Oeste a distância entre o centro das duas colunas. A partir do quadrado (Q1) construímos um rectângulo $\sqrt{2}$ (R2) para Este e verificámos que:

4.1. A aresta Este do rectângulo (R2) coincide com o plano de parede que limita a galeria do claustro a Este (A1).

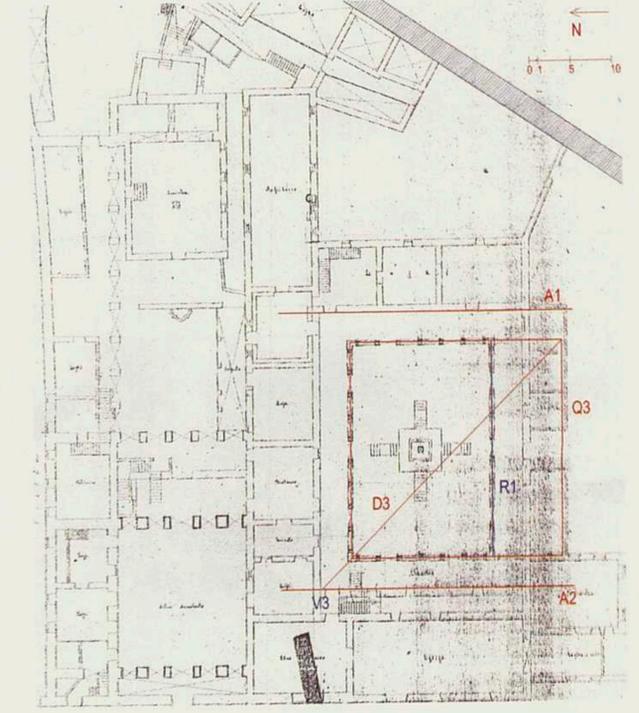
5. O raciocínio utilizado no ponto anterior repete-se, ao longo da aresta Oeste do rectângulo (R1), por forma a encontrar o plano de parede que limita a galeria do claustro a Oeste (A2).

Da Implantação



6. Desenhamos um quadrado (Q2), a partir da aresta Sul do rectângulo (R1), para Norte. Achado o quadrado (Q2), traçamos a sua diagonal NE/SO (D2) e verificamos que:

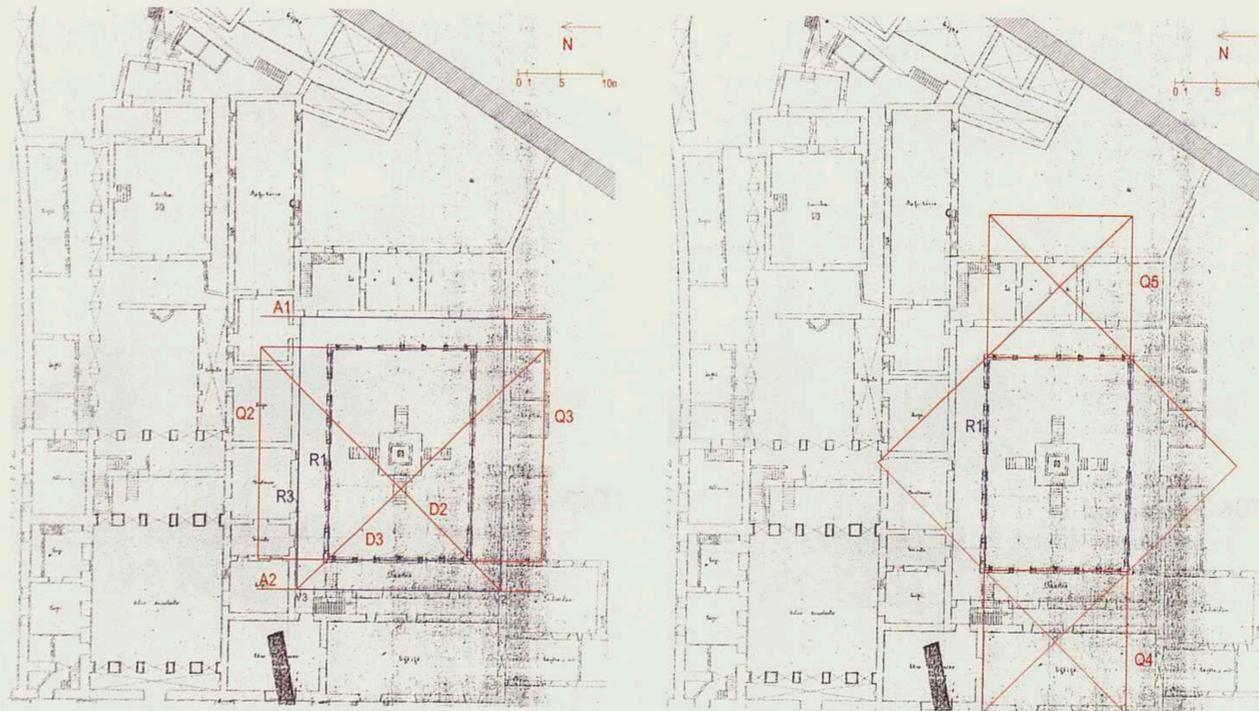
6.1. O ponto onde a diagonal (D2) encontra a aresta Oeste (A2) do rectângulo (R3) (que surgirá), corresponde ao vértice Sudoeste (V2) do dito rectângulo (R3).



7. Desenhamos um quadrado (Q3), a partir da aresta Norte do rectângulo (R1), para Sul. Achado o quadrado (Q3), traçamos a sua diagonal SE/NO (D3) e verificamos que:

7.1. O ponto onde a diagonal (D3) encontra a aresta Oeste (A2) do rectângulo (R3) (que surgirá), corresponde ao vértice Noroeste (V3) do dito rectângulo (R3).

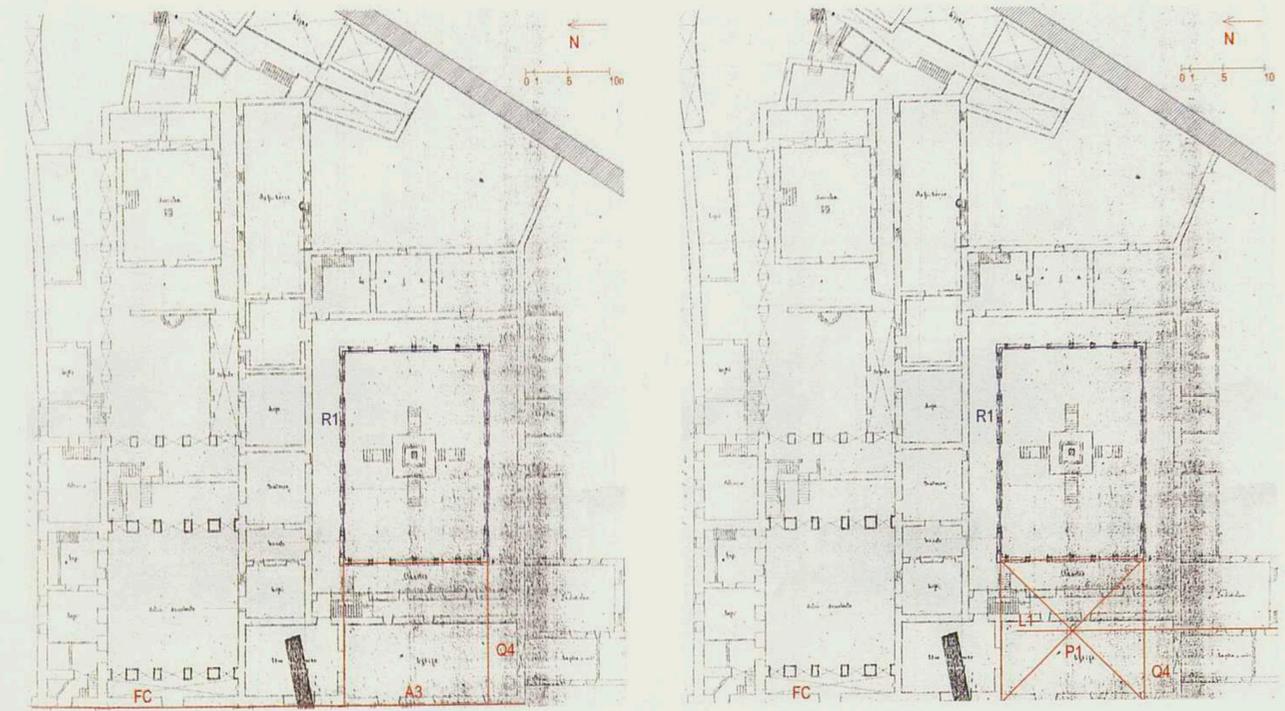
Da Implantação



7.2. A partir do rectângulo (R1) é-nos possível chegar ao desenho do rectângulo (R3).

8. A partir dos lados menores do rectângulo (R1), desenham-se dois quadrados, um para Oeste [quadrado (Q4)] e outro para Este [(quadrado (Q5)]. Traçam-se as diagonais de ambos os quadrados e verificamos que: (ver pontos: 8.1/ 8.2/ 8.3/ 8.4/ 8.5/ 8.6.).

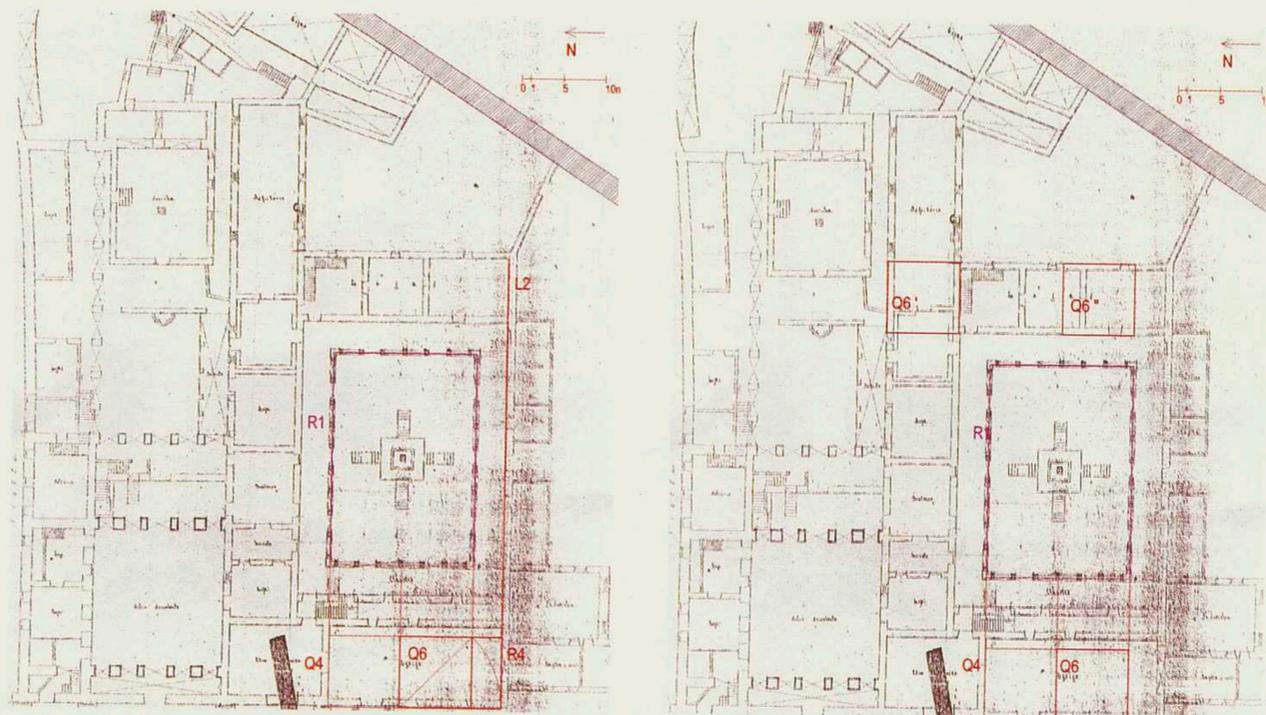
Da Implantação



8.1. A aresta Oeste (A3) do quadrado (Q3), coincide com o plano exterior de fachada do convento (FC).

8.2. Pelo ponto (P1) onde as diagonais do quadrado (Q4) se encontram, traçamos uma linha paralela (L1) à linha de fachada do convento (FC) e verificamos que coincide com o plano exterior da parede Este da capela-mor actual.

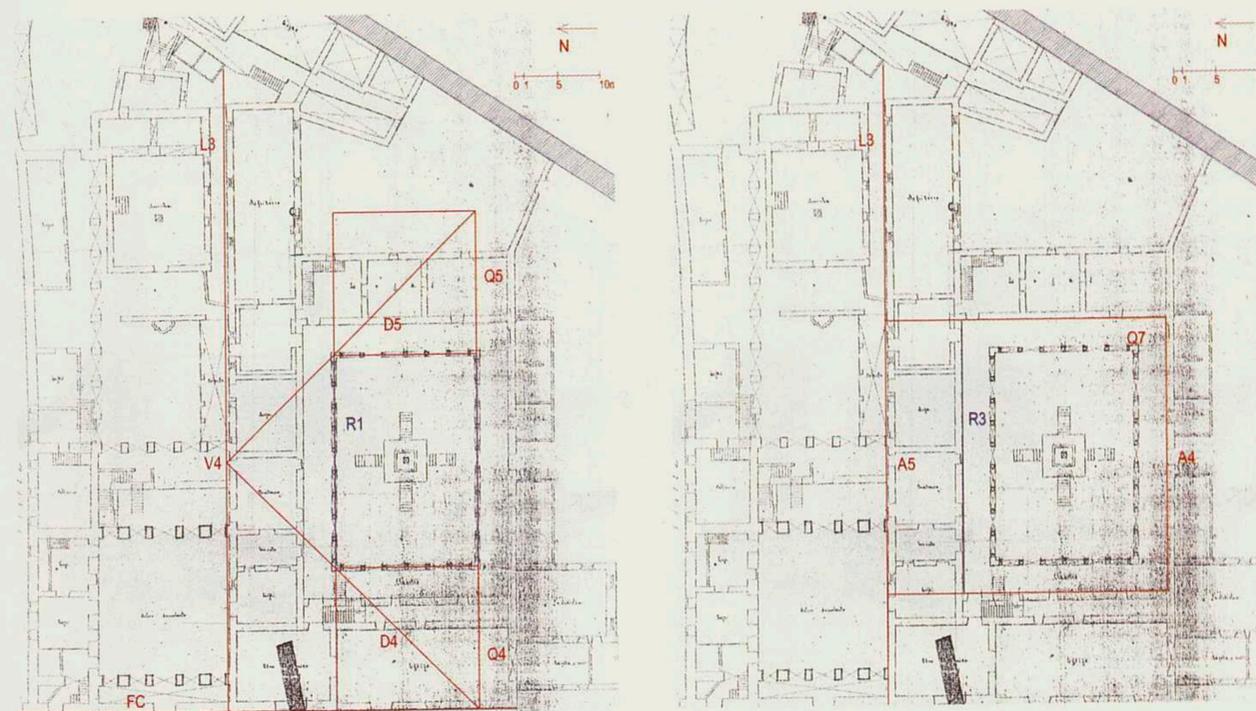
Da Implantação



8.3. Dividimos o quadrado (Q4) em 4 quadrados iguais. A partir do quadrado (Q6) [1/4 do quadrado (Q4)] desenhamos para Sul um retângulo $\sqrt{2}$ (R4), cuja aresta Sul coincide com o plano interior Sul da igreja, e consequentemente com o que julgamos ter sido o limite Sul do convento, à data da sua fundação.

8.3.1. Verifica-se, igualmente, que a medida de aresta do quadrado (Q6) corresponde à largura (entre planos exteriores de parede) dos corpos Norte (Q6') e Este (Q6'') referentes aos dormitórios do convento.

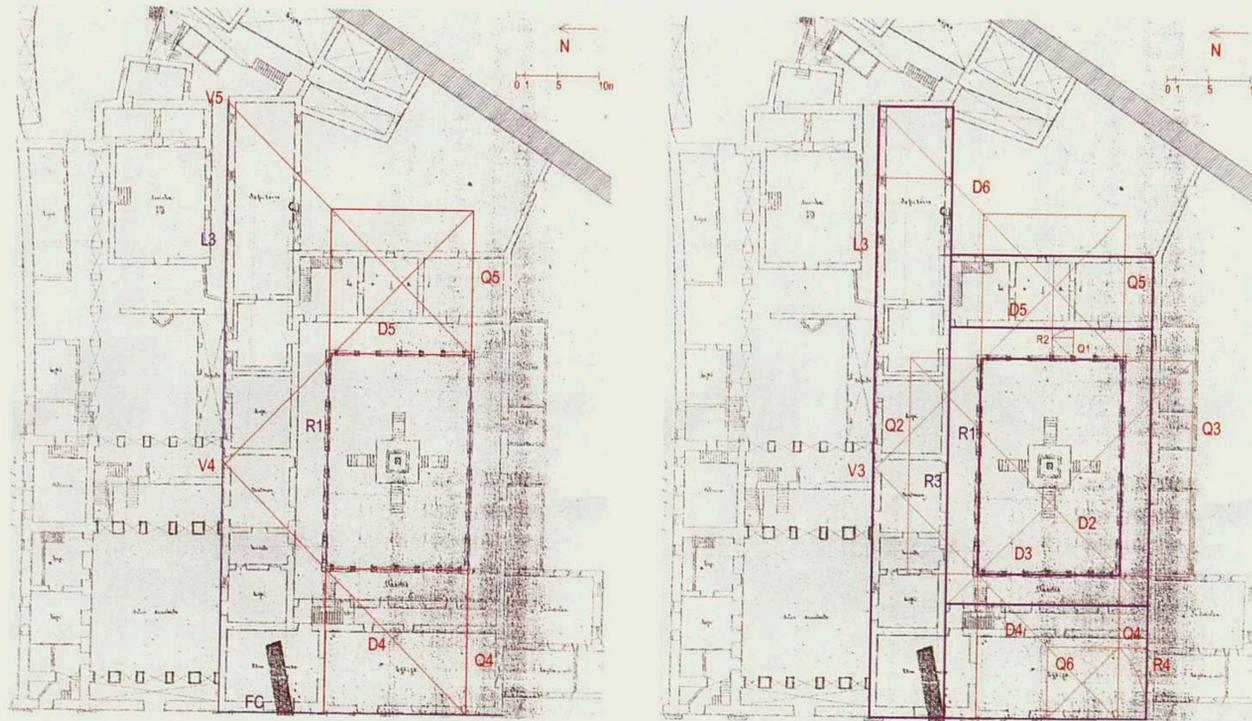
Da Implantação



8.4. Como resultado da intersecção da diagonal NE/SO (D4) do quadrado (Q4) com a diagonal SE/NO (D5) do quadrado (Q5), achámos o vértice (V4), coincidente com o plano de parede exterior Norte (L3), do corpo dos dormitórios mais a Norte.

8.5. A partir da aresta Sul (A4) do rectângulo (R3), desenha-se para Norte, o quadrado (Q7), cuja aresta Norte (A5) coincide, igualmente, com o plano de parede exterior Norte (L3), do corpo dos dormitórios.

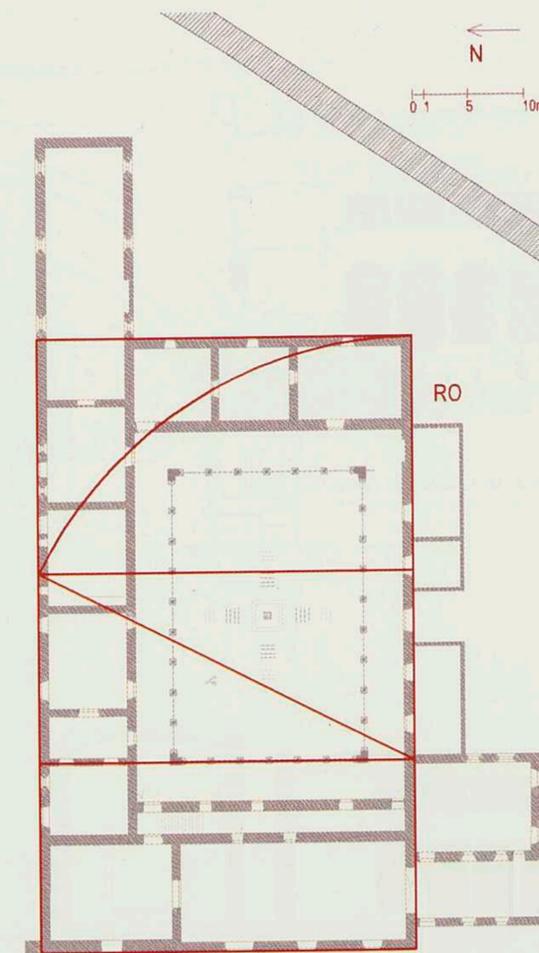
Da Implantação



8.6. Traçando uma perpendicular à linha de fachada do convento (FC), pelo vértice (V4), encontramos a diagonal NE/SO (D6) do quadrado (Q6), no vértice (V5) que corresponde ao limite do refeitório, espaço que remata o corpo Norte do convento (L3).

9. Resumindo num só desenho as conclusões, mais visíveis, da análise geométrica elaborada nos desenhos anteriores, chegámos ao que julgámos ser o contorno da implantação do convento de St.^a Clara de Guimarães à data da sua fundação.

Da Implantação



10. Consideramos a planta do que julgamos ter sido o desenho do convento à data da sua fundação.

10.1. A partir do plano exterior de fachada do convento, desenhámos um quadrado (Q7), para Este. A partir deste quadrado, desenhámos um rectângulo de ouro (RO) para Este. Verificamos que a aresta Este do rectângulo de ouro (RO) coincide com o plano de fachada, exterior, do corpo Este de dormitórios.

Fig. 23 – Planta do que supomos ser o desenho inicial do convento

Da Implantação

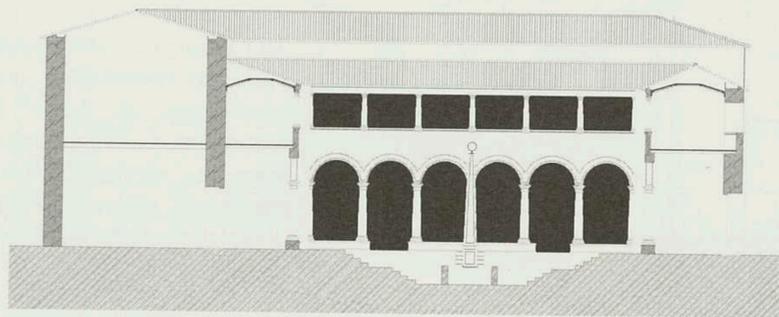


Fig.24 - Corte Norte-Sul, do que supomos ter sido o convento de Stª. Clara de Guimarães numa fase inicial.

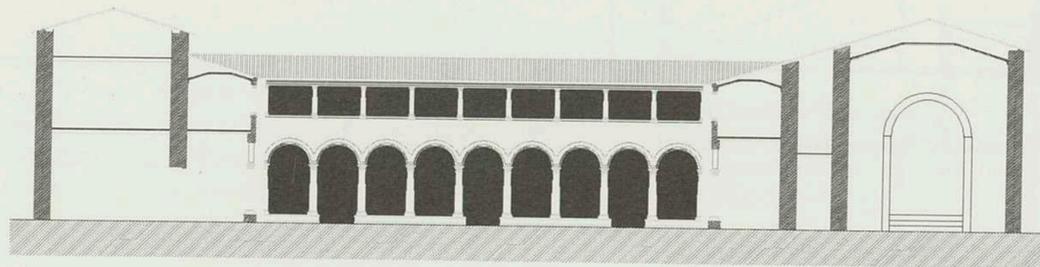


Fig.25 - Corte Este-Oeste, do que supomos ter sido o convento de Stª. Clara de Guimarães numa fase inicial.

Análise Arquitectónica_ Medida e Proporção no Claustro

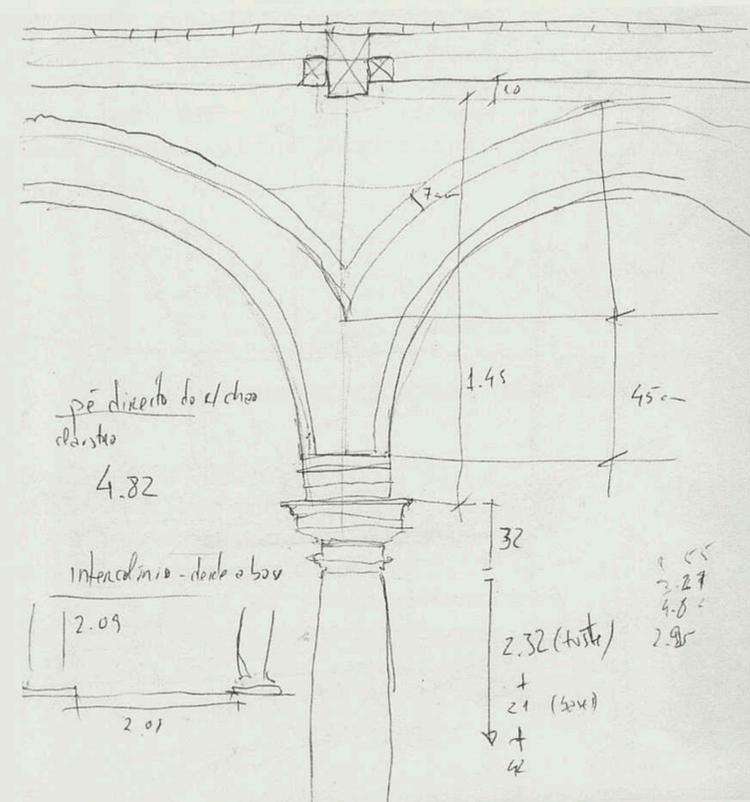
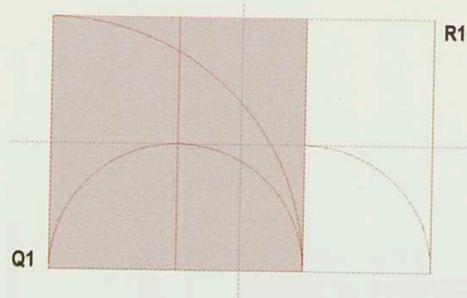
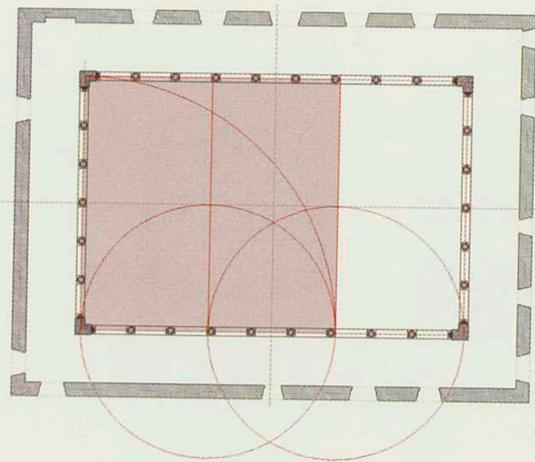


Fig. 26 - Desenhos de estudo do claustro do convento de Stª. Clara de Guimarães.

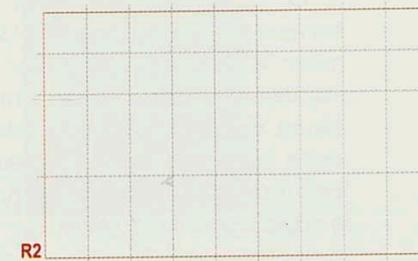
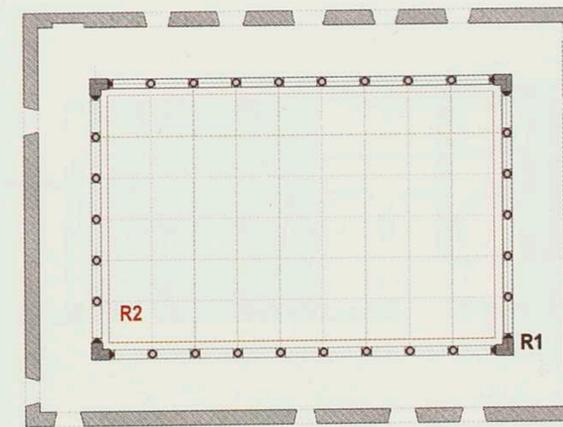
Medida e Proporção no Claustro



Constatámos que existem várias relações geométricas e de medidas. Procurámos uma sequência e articulação que visassem uma possível construção do claustro, desde as proporções globais, até às partes componentes do capitel e da base da coluna.

1. A planta do claustro resulta da definição de um quadrado (Q1), ao qual se acrescenta metade da sua área, obtendo-se o rectângulo (R1), que contém o eixo das colunas. A forma adquirida tem a proporção de 2/3, o sesquiáltero, estudado por Alberti.

Medida e Proporção no Claustro

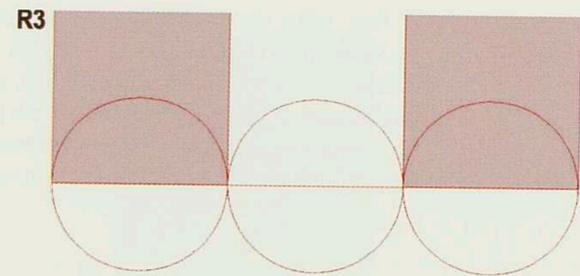
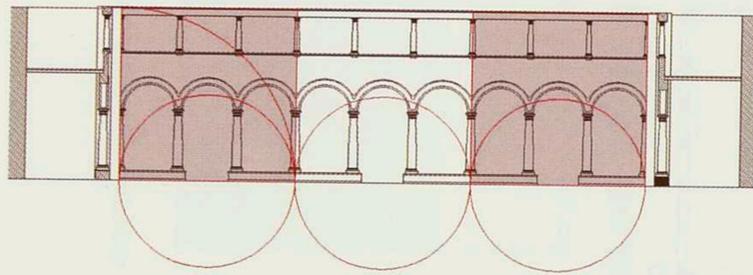


2. Aos lados do rectângulo (R1) descontam-se 3 palmos e meio (1 palmo = 0,21m) para o interior. Obtido o rectângulo (R2), este é dividido em 9 partes no lado maior e 6 partes no lado menor, que correspondem aos tramos definidores dos eixos das colunas.

Fig. 27 e 28 – Estudo sobre a planta do claustro do convento de Stª.Clara de Guimarães

Fig. 29 e 30 – Estudo sobre a planta do claustro do convento de Stª.Clara de Guimarães

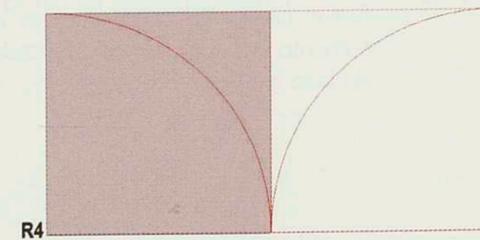
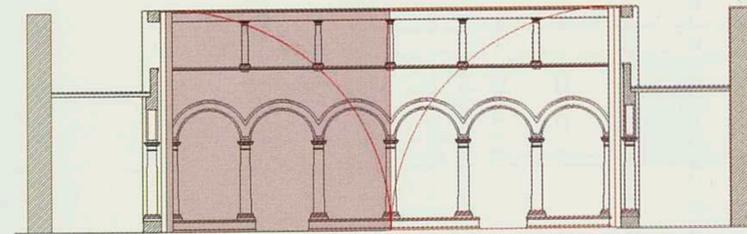
Medida e Proporção no Claustro



3. O alçado do lado maior do claustro inscreve-se num rectângulo (R3), cujo lado maior é igual ao lado maior de R2 (ver pág. anterior), sendo o lado menor de R3 (altura do claustro) obtido pela subdivisão deste rectângulo em três quadrados (Q2). Este rectângulo R3 tem a proporção de $1/3$, o duplo sesquiáltero (Alberti).

Fig. 31 e 32 – Estudo sobre o desenho do pórtico do claustro do convento de St^a.Clara de Guimarães

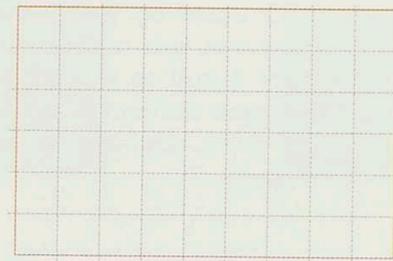
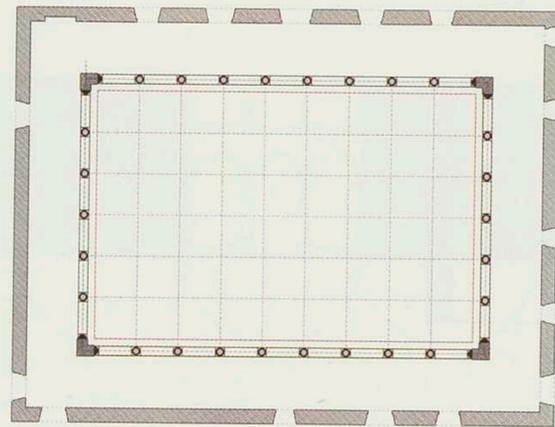
Medida e Proporção no Claustro



4. O alçado do lado menor do claustro inscreve-se num rectângulo (R4), cujo lado maior é igual ao lado menor de R2. Este rectângulo corresponde, aproximadamente, a um duplo quadrado, na relação de $1/2$ (Alberti).

Fig. 33 e 34 – Estudo sobre o desenho do pórtico do claustro do convento de St^a.Clara de Guimarães.

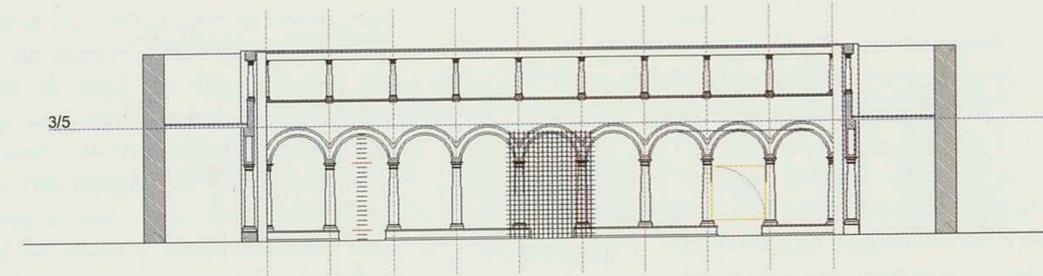
Medida e Proporção no Claustro



5. Os pilares de canto surgem através do aumento em dois palmos para cada extremo, do lado maior de R3.

Fig. 35 e 36 – Estudo sobre a planta do claustro do convento de St^a.Clara de Guimarães.

Medida e Proporção no Claustro



6. A $\frac{3}{5}$ da altura total do claustro, traçou-se um eixo horizontal (eh) que contém o tecto da galeria térrea do claustro e as flechas das molduras (f1) da arcada. Das flechas dessas molduras, desconta-se um palmo e $\frac{2}{3}$ (m1), no sentido do pavimento, para adquirir a flecha dos arcos. Deste ponto, faz-se uma divisão em 22 partes que, segundo G.B.Vignola, corresponde nas arcadas da Ordem Jónica, à distância da flecha do arco (f2) ao pavimento, lado maior do rectângulo (R3).

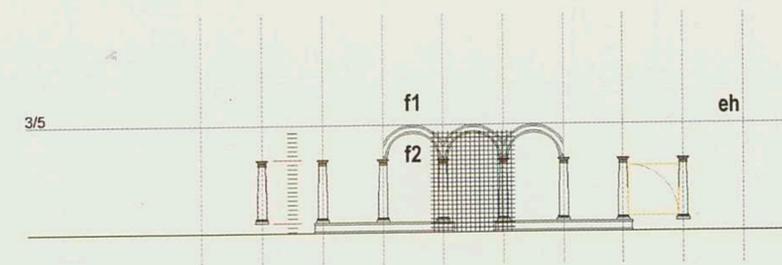
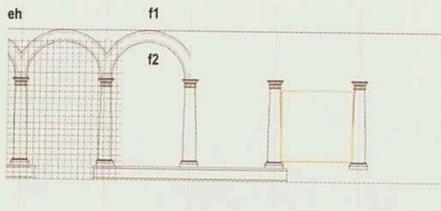
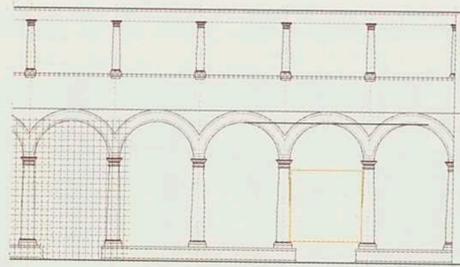


Fig. 37 e 38 – Estudo sobre o desenho do pórtico do claustro do convento de St^a.Clara de Guimarães.

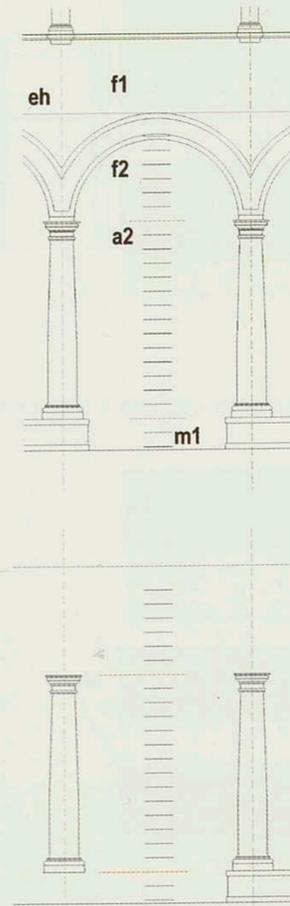
Medida e Proporção no Claustro



7. Uma dessas 22 partes, equivale ao módulo, que define as proporções das ordens. Esse módulo corresponde à metade do diâmetro da parte inferior do fuste da coluna. O intercolúnio é, conseqüentemente, igual a 11 módulos ou 5,5 diâmetros da coluna, medidas estabelecidas por G.B. Vignola para a Ordem Jónica. Verifica-se ainda, que a medida do intercolúnio equivale à altura do fuste das colunas.

Fig. 39 e 40 – Estudo sobre o desenho do pórtico do claustro do convento de St^a.Clara de Guimarães

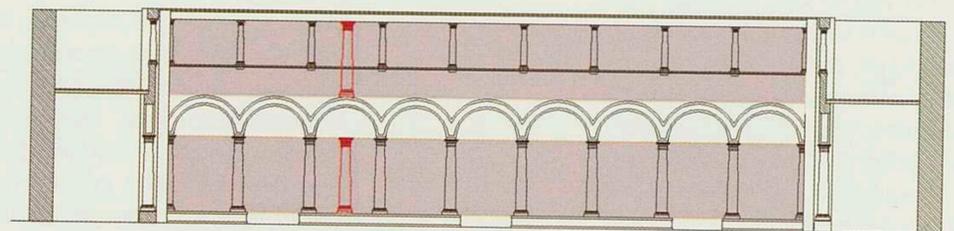
Medida e Proporção no Claustro



8. Contam-se do lado do rectângulo (R3), para cima, 2 módulos que formam o plinto, onde assentam as colunas. Restam 20 módulos até à flecha do arco (f2). Desses 20 módulos, 14 correspondem à altura das colunas, proporção referente à Ordem Toscana. Restam 6 módulos que formam o arco de volta inteira (a2), coincidindo o seu centro com a intersecção do limite superior da coluna com a mediatriz do intercolúnio.

Fig. 41 e 42 – Estudo sobre o desenho do pórtico do claustro do convento de St^a.Clara de Guimarães

Medida e Proporção no Claustro



9. A medida vertical (d3) entre o eixo (eh) e a parte inferior do entablamento, equivale à altura completa da coluna com a proporção da Ordem Toscana, ou seja 14 módulos ou partes.

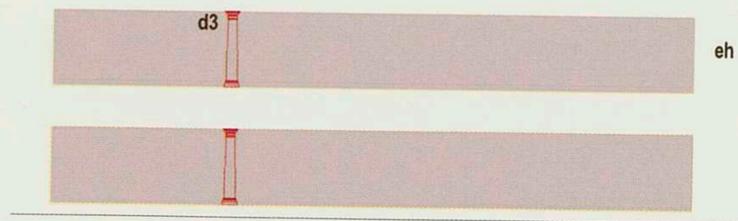
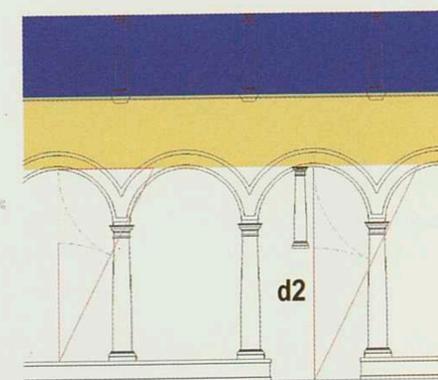
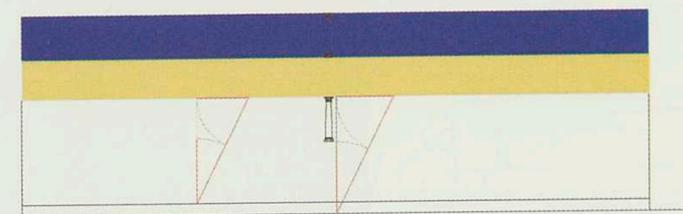
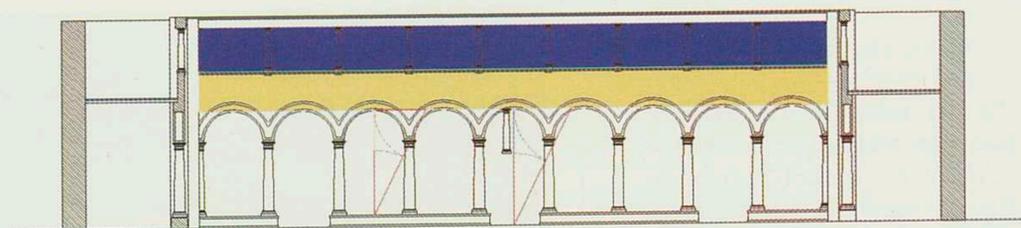


Fig. 43 e 44 – Estudo sobre o desenho do pórtico do claustro do convento de Stª.Clara de Guimarães.

Medida e Proporção no Claustro



10. Verifica-se que achando a divina proporção da medida composta pelas 22 partes da flecha do arco até ao chão (d2), se chega à altura das colunas da galeria superior do claustro.

Fig. 45 e 46 – Estudo sobre o desenho do pórtico do claustro do convento de Stª.Clara de Guimarães

Análise Arquitectónica_ Medida e Proporção na Coluna do Claustro

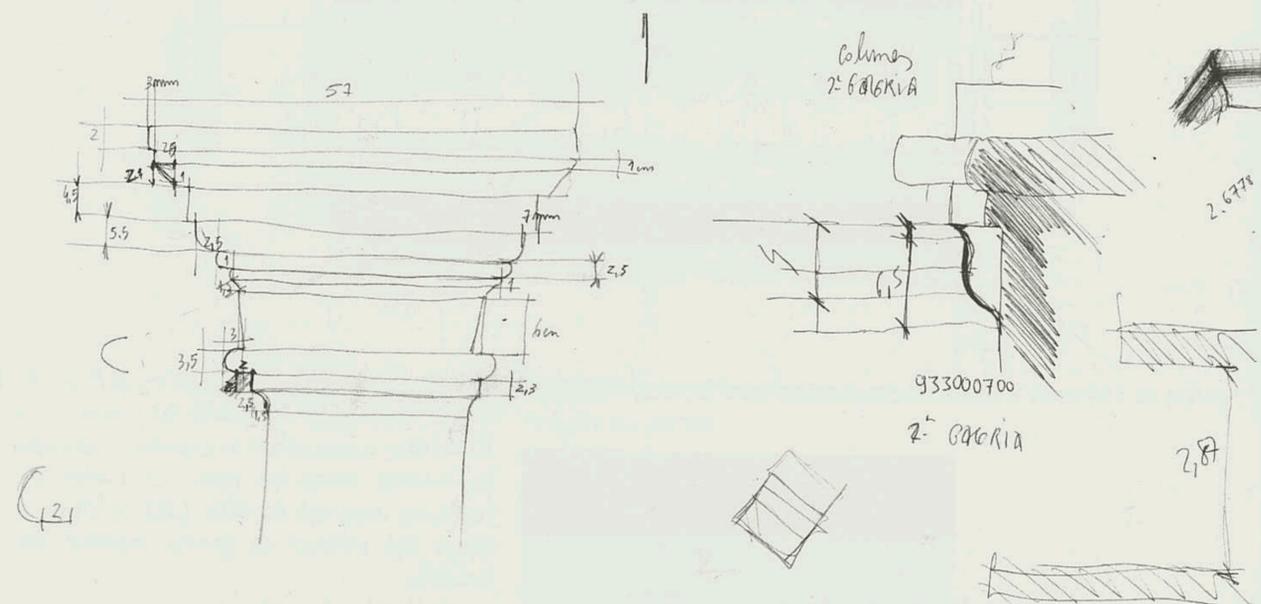


Fig. 47 e 48 – Desenhos da coluna do claustro do convento de St.ª Clara de Guimarães.

Medida e Proporção na Coluna do Claustro



Fig.49 - Coluna do claustro do convento de St.ª Clara de Guimarães

COLUNA

A coluna é composta por três partes: base, fuste e capitel. Verifica-se que as colunas do claustro do convento de St.ª Clara de Guimarães têm a altura segundo a proporção da Ordem Toscana (14 módulos), mas têm base e capiteis de Ordem Dórica.

Segundo G.B. da Vignola, para proporcionar as partes componentes em relação ao todo (capitel e base), subdivide-se o módulo em doze minutos.

Medida e Proporção na Coluna do Claustro



Fig.50 - Capitel da coluna do convento de Stª. Clara de Guimarães.

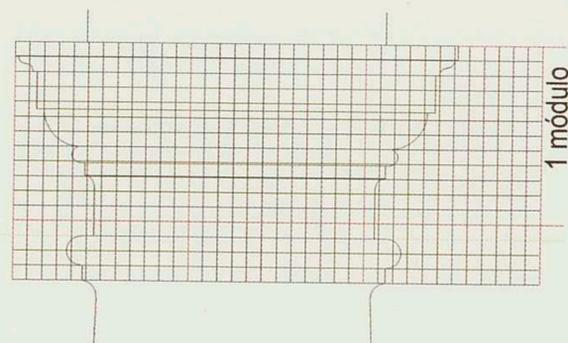


Fig.51 - Capitel e base. Divisão do módulo em minutos.

CAPITEL

Segundo G.B. Vignola, o capitel deverá ter 1 módulo de altura contado para cima da base do colarinho, considerando-o parte integrante do fuste. Verifica-se que o capitel deste convento tem 1 módulo e 1 minuto de altura, contado para cima do astrágalo.

O capitel está inscrito num rectângulo de 1 módulo e 4 minutos de altura e 2 módulos e 6 minutos de largura.

1. O capitel é dividido em 3 partes principais. Uma superior (cimácio e ábaco), outra central (aneletes e óvulo) e outra inferior (colarinho).

2. A parte superior é dividida em 4 minutos e 1/2. Ao cimácio correspondem 2 minutos, e ao ábaco 2 minutos e 1/2. O cimácio é subdividido em 2 partes (1 parte é o listelo com 1 minuto e a outra parte é a gola com 1 minuto). O ábaco tem de altura 2 minutos e 1/2.

3. A parte central é dividida em 4 minutos e 1/2. O óvulo tem de altura 2 minutos e 1/2, cuja projecção é 2/3 da sua altura. A diferença entre este capitel e o exemplo dado no tratado de G.B. Vignola é a substituição dos aneletes por um toro e uma címbia. O toro tem de altura 1 minuto e a címbia 1 minuto.

4. A parte inferior é o colarinho, com 4 minutos.

Medida e Proporção na Coluna do Claustro

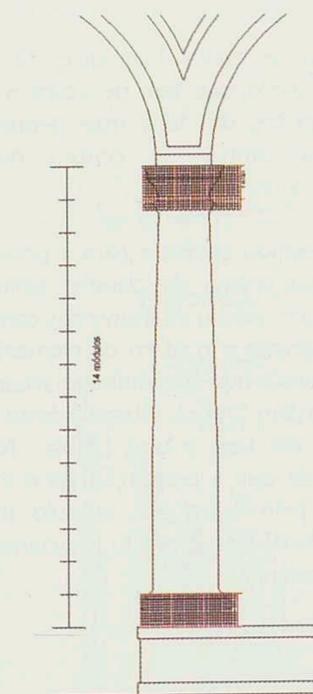


Fig. 52 - Coluna do claustro do convento de Stª. Clara de Guimarães. Divisão em minutos (capitel e base)

FUSTE

1. O astrágalo tem de altura 2 minutos. A címbia é metade da altura do astrágalo (1 minuto). Considera-se que, segundo Vignola, estes elementos fazem parte do fuste. Contudo, existe outra interpretação quanto ao limite do fuste, situando-o no escapo.

2. O fuste tem 11 módulos e 1/2, medida bastante aproximada do intercolúnio, que mede 11 módulos e 1/4. A 1/3 da altura do fuste inicia-se o êntase, que no remate superior, tem menos 2 minutos e 3/4 para cada lado relativamente ao diâmetro da parte inferior do fuste.

Medida e Proporção na Coluna do Claustro

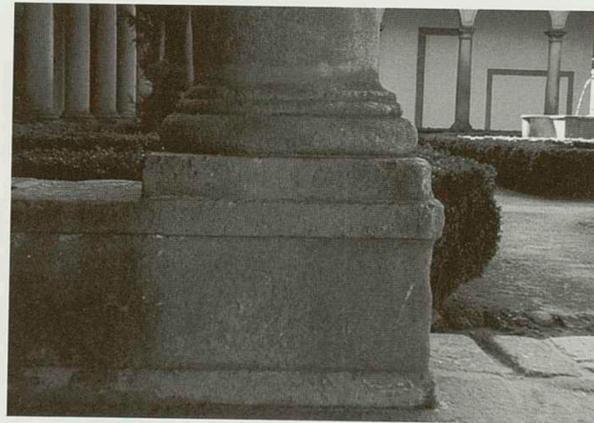


Fig. 53 – Base da coluna do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães.

BASE

1. A base tem de altura 1 módulo, 12 minutos. É constituída pelo plinto, que tem de altura 6 minutos, o toro, com 4 minutos, um toro mais pequeno com 1 minuto e uma címbia ou cintura que remata superiormente a base.

O processo de estudo apontava para a possibilidade da base e capitel da coluna do claustro pertencerem à Ordem Toscana, com adição de elementos, como toros ou címbia. Porém, perante o número de elementos e a sua complexidade, parece-nos mais indicado situar estes dois elementos na Ordem Dórica, substituindo-se, no capitel, os aneletes por um toro e uma címbia. No entanto, subsiste a ideia de que a proporção geral é a de uma coluna toscana, pelo facto do módulo (metade do diâmetro da coluna), ser repetido exactamente as 14 vezes (Ordem Toscana).

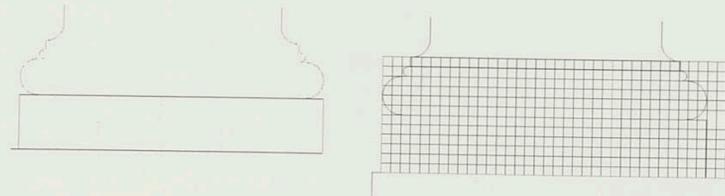


Fig.54 - Base da coluna do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenho do alçado dividido em minutos.

Análise Arquitectónica_ o Fontanário

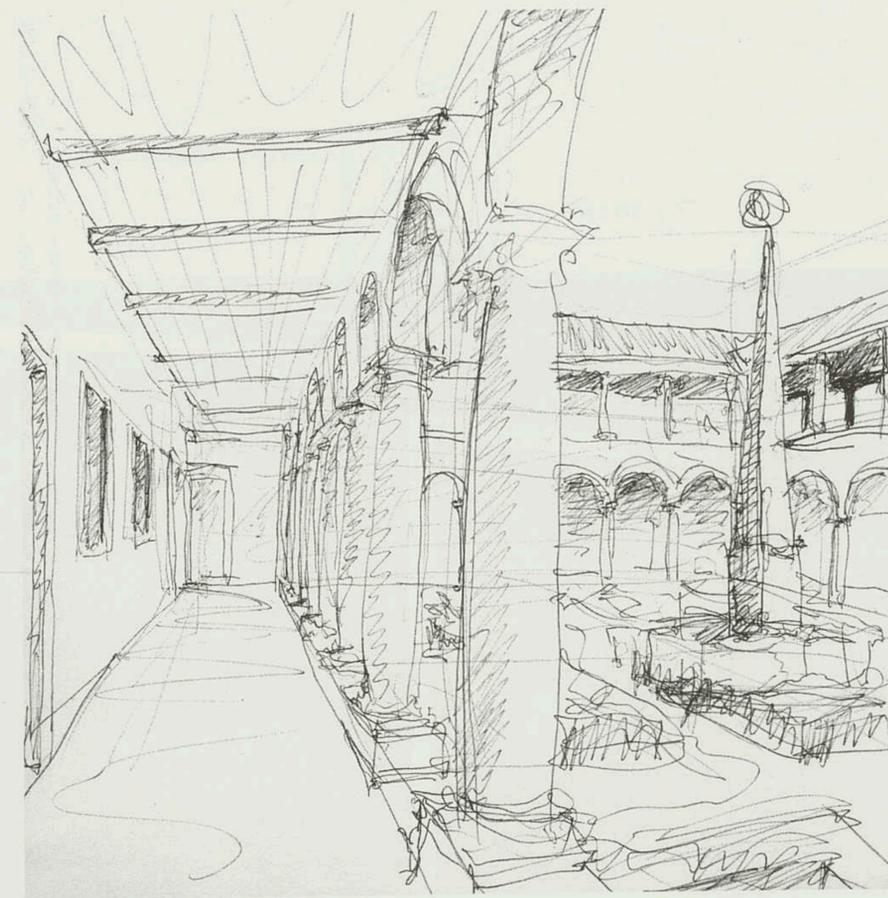


Fig.55 - Desenho do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães.

O Fontanário

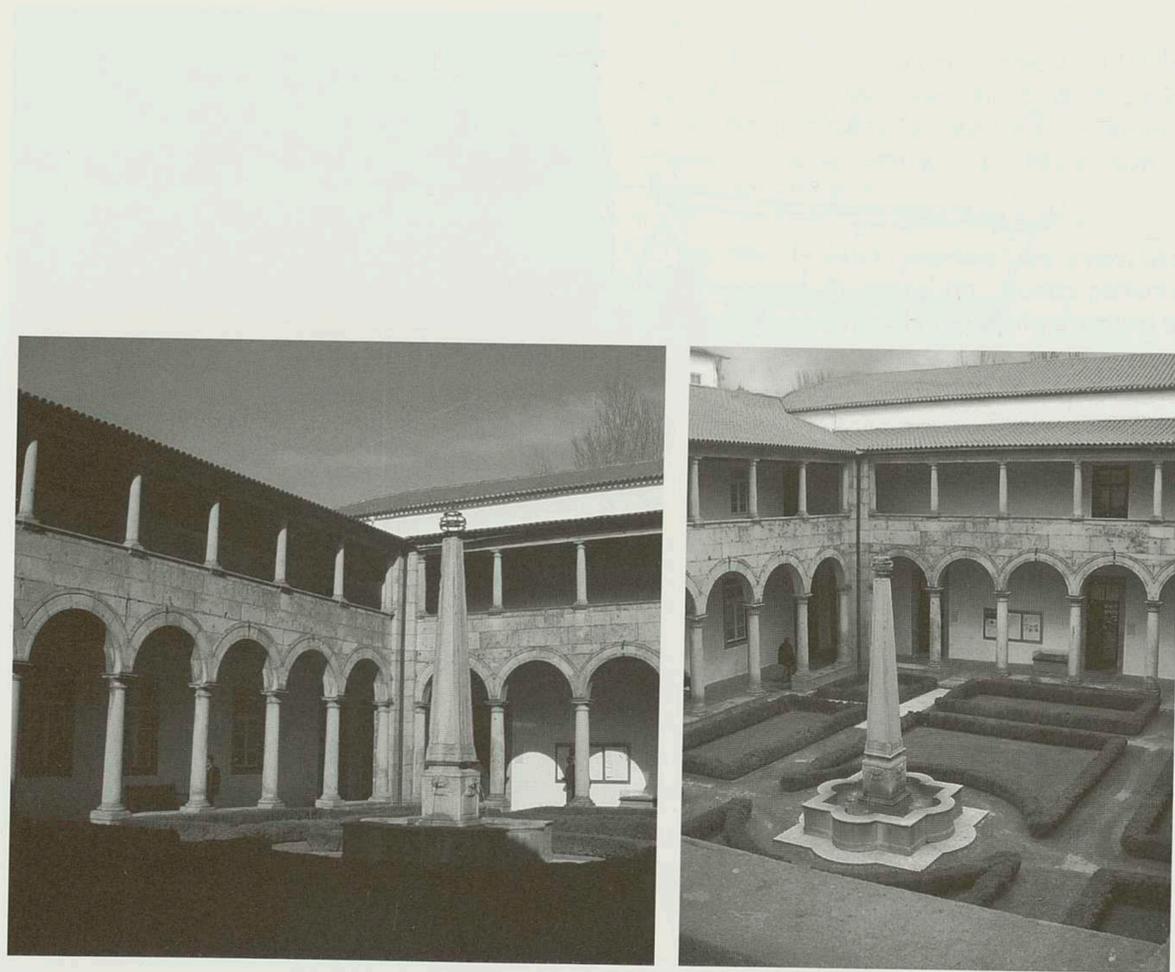
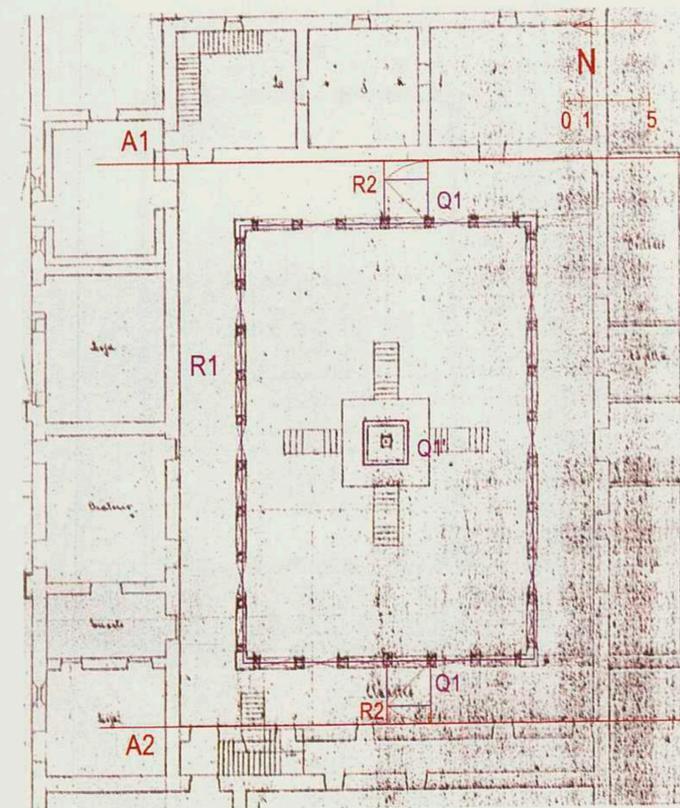


Fig. 56 e 57 – Claustro do convento de Stª.Clara, actualmente. No centro, o fontanário.

O Fontanário



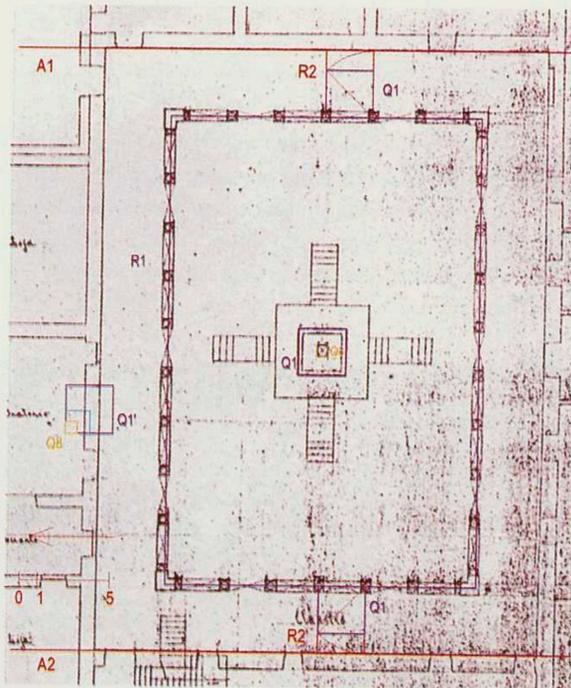
Sabemos que no centro do claustro existia uma fonte diferente da que existe actualmente, assim o indicam a planta de 1891 e o "Tombo de 1704": "Tem no claustro novo hum tanque bom com coatro biqueiras cercado de pillares com coatro entradas de escadas com seus acentos e latadas cuya agoa vem do quintal de Francisco de Araujo o nacimiento della terra e prazo deste mosteiro."?

A planta da fonte denota um especial cuidado na relação que estabelece com o claustro. A sua harmonia e a sua proporção, estimulou-nos a fazer uma análise geométrica ao desenho da sua planta. Dessa análise, verificamos que:

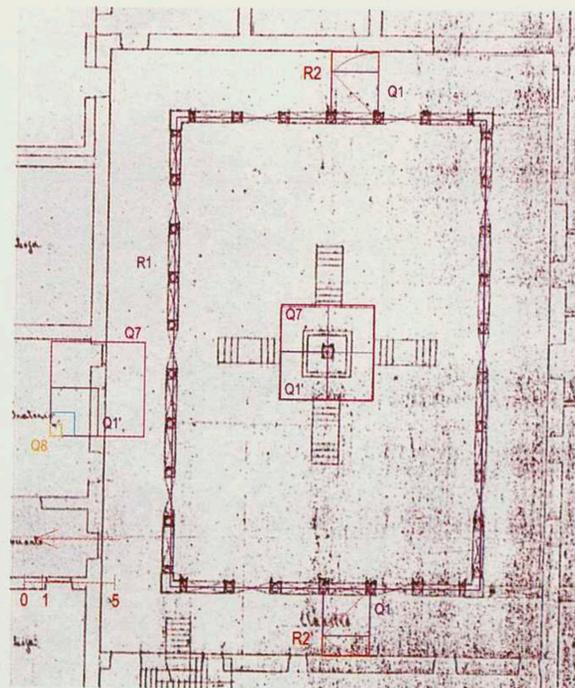
1. O seu desenho é o resultado de um conjunto de adições e subtracções de quadrados.
2. O terceiro quadrado, a contar de dentro para fora, do centro geométrico do claustro é igual ao quadrado (Q1).

Fig.58 a 62 – Desenho sobre a planta de 1891. Análise do desenho do fontanário original

O Fontanário

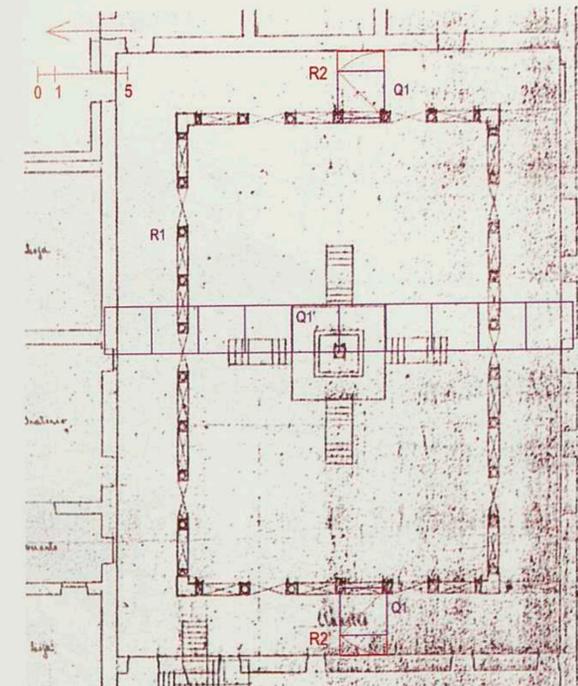


2. O primeiro quadrado, a contar de dentro para fora, do centro geométrico do claustro (Q8), corresponde a 1/16 do quadrado (Q1).

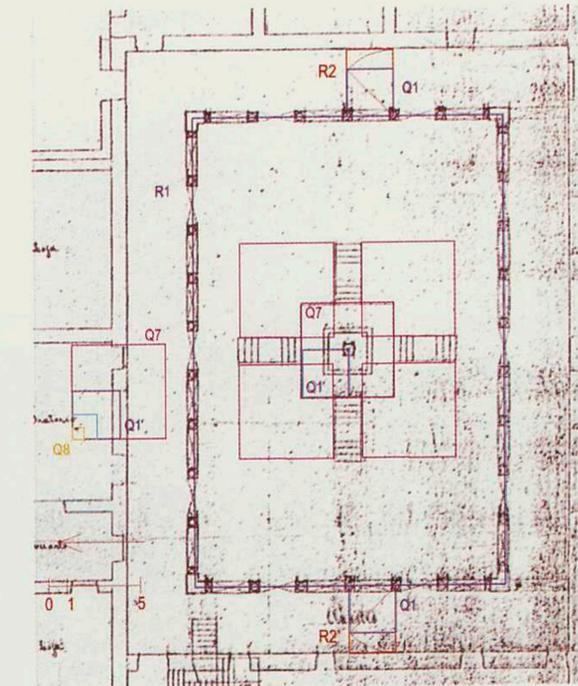


3. O mesmo quadrado (Q1) corresponde a 1/16 do quarto quadrado a contar, de dentro para fora, do centro geométrico do claustro (Q7). Observando os quadrados (Q8), (Q1) e (Q7), é perceptível a sua proporcionalidade.

O Fontanário



4. Utilizando o quadrado (Q1) como módulo, constatamos que contando 5 módulos, a partir do centro geométrico do claustro, (Q1) para Norte e para Sul, encontramos o plano de parede que limita a galeria, a Norte e a Sul, respectivamente.



5. O quarto quadrado, a contar de dentro para fora, do centro geométrico do claustro (Q7) é igual aos quadrados formalizados entre cada duas escadas.

Análise Arquitectónica_O Alçado Principal



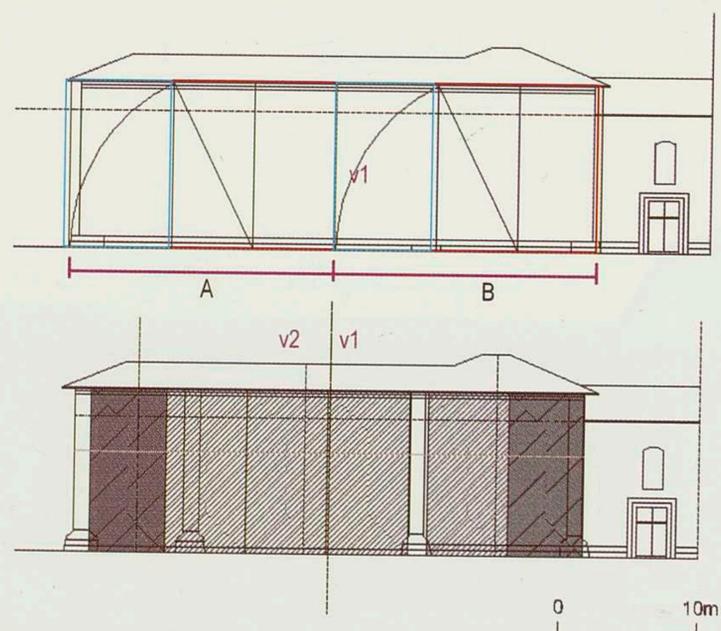
Fig.63 – Desenho da fachada principal do convento de Stª. Clara de Guimarães.

O Alçado Principal



Fig. 64 - Fachada principal do convento de Stª. Clara de Guimarães, actualmente. A última intervenção na fachada procura a ideia cénica de falsa simetria.

O Alçado Principal



Da análise geométrica do alçado verifica-se que a forma geral onde este se insere, corresponde à justaposição de dois rectângulos, cujos lados estão na "divina proporção" (rectângulo de ouro). Para obter esta relação entre partes, considerou-se que a composição se dividia em duas partes gerais (A e B) e o eixo de divisão (v1) a mediatriz, do lado maior da forma geral. Verifica-se que a esse eixo de simetria (v1), não correspondem partes iguais, isto é os elementos arquitectónicos que compõe essas partes, como as pilastras ou janelas, não se encontram à mesma distância do eixo.

Considerando um eixo (v2) que passa pela porta principal, também se constata que não existe real simetria, apesar de, entre as duas pilastras mais próximas desse eixo os elementos arquitectónicos serem dispostos de forma simétrica. Não existe uma simetria no que às medidas diz respeito.

Fig. 65 e 66 - Fachada principal do convento de St^a. Clara de Guimarães.

O Alçado Principal



Fig. 67 - Nicho acima do portal principal. Reforço do enquadramento da estátua de Santa Clara. A decoração parece ser sobreposta à estrutura básica do nicho.



Fig. 68 - Portal da igreja. O portal e a janela não estão isolados. Participam no mesmo sistema decorativo valorizando este acontecimento periférico na leitura da fachada.

O Alçado Principal



Fig.69 - Foto-montagem. Hipótese da fachada do convento de St.^a Clara, após a remodelação operada entre 1731 e 1739. Nesta imagem, retirámos alguns elementos decorativos barrocos que nos pareciam de uma intervenção posterior, deixando os elementos por debaixo das sacadas e os elementos de união dos nichos às janelas e do portal principal ao nicho onde se encontra a estátua de Santa Clara.

O Alçado Principal

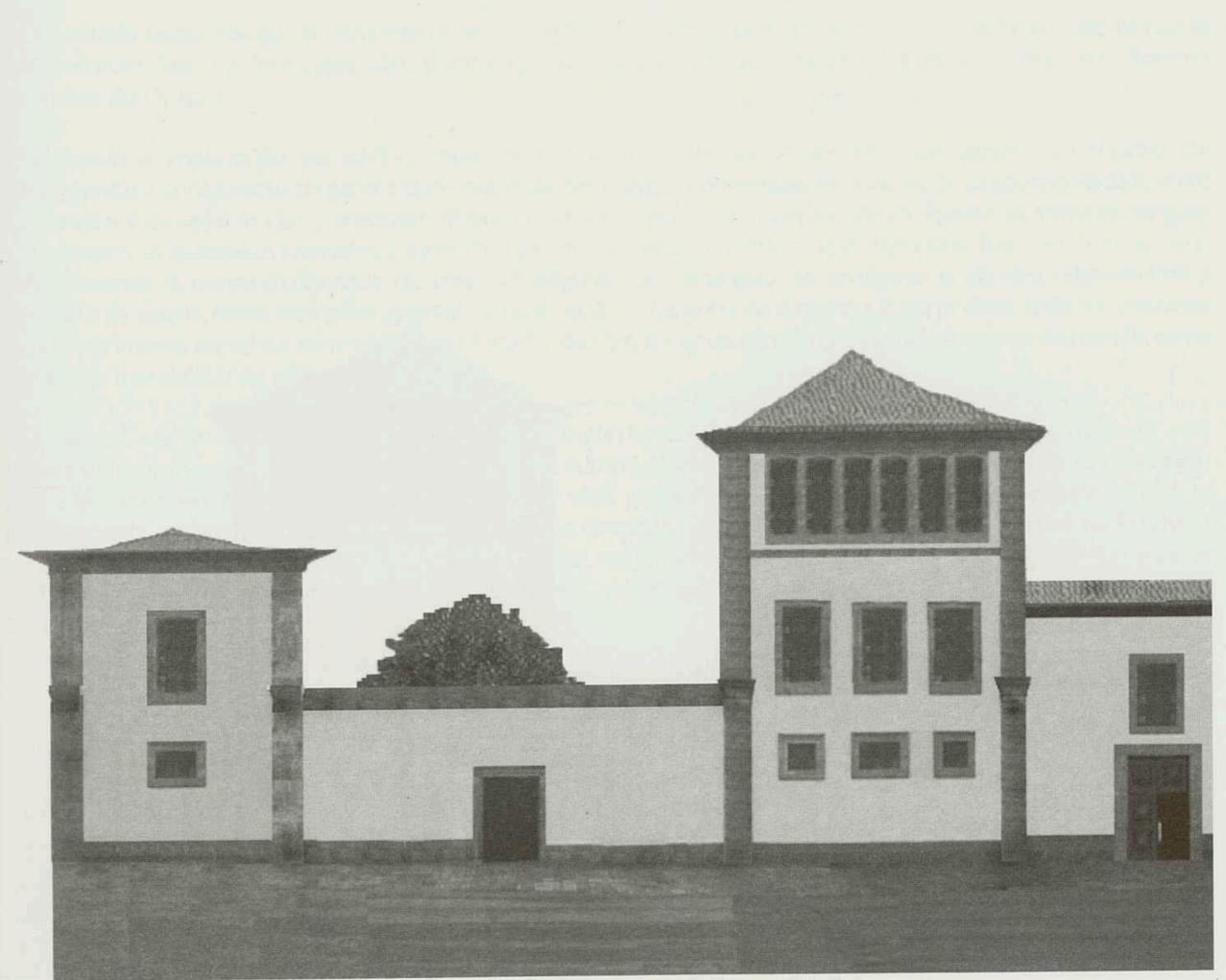


Fig. 70 - Foto- montagem. Hipótese da fachada do convento de St.^a Clara, após a construção da casa do capelão (volume mais a norte da fachada).

O Alçado Principal

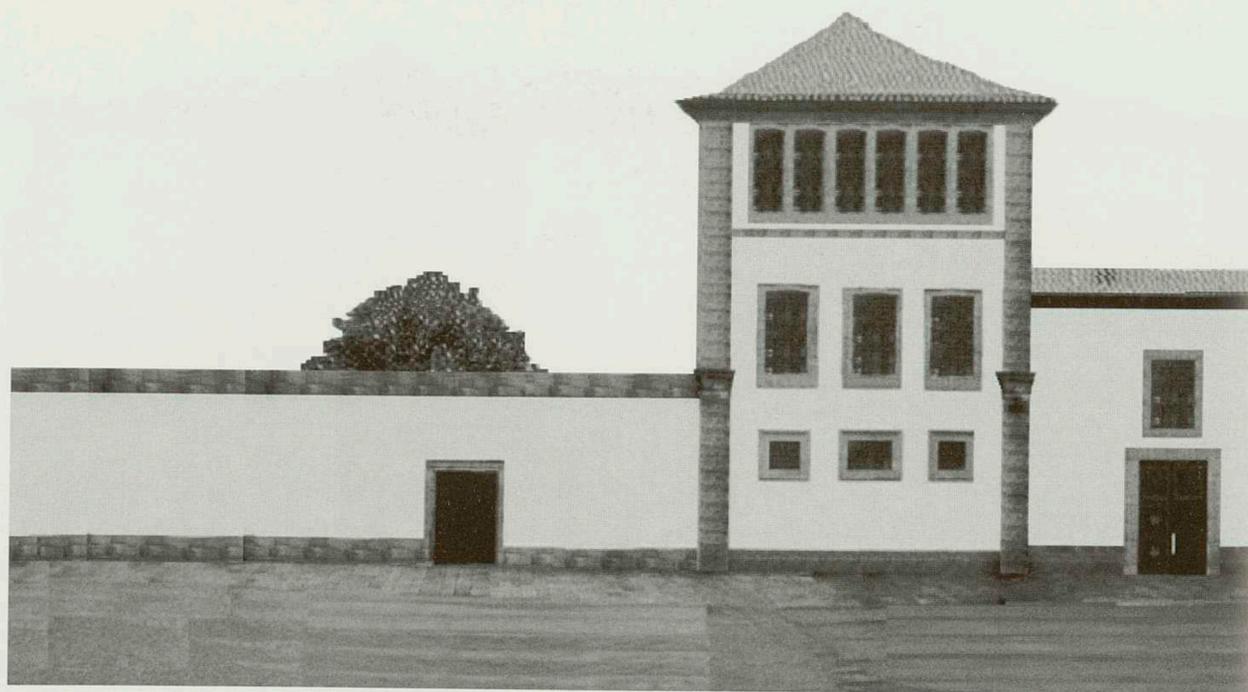


Fig. 71 – Foto-montagem. Hipótese da fachada do convento de St^a. Clara aquando da construção inicial. Do lado esquerdo, o muro envolvente da clausura. À direita, o mirante e entrada da igreja.

Conclusão

Este estudo revela-nos que o crescimento do convento das Clarissas de Guimarães realizou-se através de sucessivas intervenções. Tais transformações concretizaram-se por adição à estrutura inicial, claramente definida pelo desenho matricial do claustro.

Analisando a implantação do edifício, deparámo-nos com sequências de desenho que partem do claustro, daí engrenando a configuração da generalidade dos restantes espaços conventuais. As relações de proporcionalidade entre o claustro e os espaços que o envolvem revelam o interesse pela ordem arquitectónica. Apesar da forma rectangular do claustro, os quadrados formados a partir das suas arestas parecem ter tido algum significado físico no desenho geral do convento. A perpendicularidade de uma das diagonais do rectângulo, ao configurar o claustro relativamente à muralha da cidade, revela intenções geométricas/simbólicas no desenho do convento. A partir desta análise, concluímos que os primeiros espaços a serem edificados foram o claustro e a igreja, sendo o primeiro um espaço de reunião, cerne funcional e simbólico do convento.

O claustro de St^a. Clara de Guimarães insere-se ainda no contexto arquitectónico tardo-gótico, marcado pela construção do claustro de Afonso V (1448-1477), da autoria de Fernão Évora, no mosteiro da Batalha. Este exemplo introduz um novo modelo tipológico, o claustro de dois pisos. Apresenta um despojamento decorativo a que se contrapõe o gótico flamejante, também presente na campanha de obras dirigida pelo mestre Huguet na Batalha. A depuração, a sobriedade tectónica e o equilíbrio formal são características que indiciam uma nova tendência para os claustros em Portugal. Segundo alguns autores, podem revelar simultaneamente uma influência da arquitectura chã portuguesa.

O claustro de St^a. Clara de Guimarães encontra-se dentro deste modelo, tendo embora características que podem aproximá-lo do contexto renascentista, como a atenção aos cânones clássicos que definem os aspectos estilísticos. Note-se que o claustro tem uma planta rectangular, com uma relação de 2/3 (sesquiáltero, segundo Alberti), dividida em 9 tramos, no lado maior, e 6 tramos no lado menor, com arcos de volta inteira assentes em colunas de proporção toscana e capitéis dóricos. No segundo piso, temos a mesma modulação, mas com uma arcada arquivada de menores dimensões. Os cunhais assumem uma imagem construtiva, em detrimento de uma ideia de continuidade, sendo o ângulo recto reforçado por pilares rectangulares em L com meias colunas adossadas. É na conjugação de influências estilísticas exteriores com a realidade local que encontramos a individualidade deste edifício.

A opção da planta rectangular, pouco utilizada no panorama português, onde são mais correntes as plantas quadradas (Batalha), parece integrada numa ideia de traçado geral dinâmico, com rectângulos de várias proporções que compõem também os alçados, ajustando o conjunto à imagem da composição renascentista. A grande abertura e transparência da galeria do claustro para o exterior associa-se, de igual modo, ao contexto ideológico do renascimento, já que no período medieval vigorava a ideia de um maior fechamento e da independência entre as duas partes. Em St^a. Clara de Guimarães, nota-se a grande amplitude dos vãos, com colunas esbeltas que, conjugadas com o baixo murete que as suporta (42 cm), potenciam uma leitura global do espaço.

Na composição dos alçados do claustro, é de realçar a extrema atenção às proporções, tanto nas medidas gerais (no lado maior forma-se um sesquiáltero triplo, 1/3, no lado menor um duplo quadrado, 1/2) como na relação entre cheios e vazios, uma vez que no vão superior se toma a razão áurea da altura do vão inferior para definir a sua altura. Desta

composição ressalta claramente a intenção de valorizar a galeria do rés-do-chão, espaço térreo do claustro, que comporta as funções de maior circulação do convento (oratórios, refeitório, confessionários, coro). Este efeito é conseguido pelos arcos de volta inteira que reforçam a ideia de abertura. O vão do piso superior é usado para estabelecer um remate visual e compositivo, onde se enfatiza a horizontalidade através de um vão arquivado, com peitoril e colunas dóricas.

A elaboração desta análise não pretendeu uma geometrização desligada da História, mas sobretudo a exposição de um modo arquitectónico de olhar.

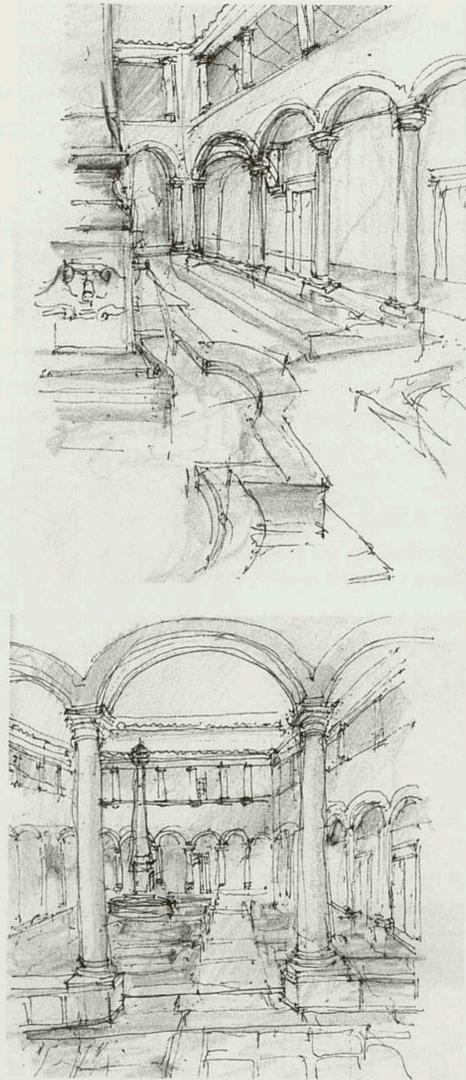


Fig. 72 e 73 – Desenhos do interior do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães.

Bibliografia

- AA.VV., Guia de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1927.
- AMO, Arnau Joaquin, La Teoria de la Arquitectura en Los Tratados, Vitruvio. Madrid: Tebar Flores, [s/data].
- BELLINO, Albano, Archeologia Christã, Lisboa, Empreza da Historia de Portugal. Livraria Moderna, MDCCCC.
- BORROMEO, Carlos, Instrucciones de la fábrica y del ajuar eclesiásticos. México: Imprenta Universitaria, 1935-1985
- BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1981.
- CRAESBECK, Francisco Xavier da Serra, Memórias Ressuscitadas, da província de entre Douro e Minho no anno de 1726. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, 1992.
- DOMINGO, José Luís Oliver, Los diez Libros de Arquitectura, Marco Lucio Vitruvio Polión. Madrid: Alianza Editorial, 1995.
- FERNANDES, Isabel Maria; OLIVEIRA, António José, "Convento de Santa Clara de Guimarães" in Boletim de Trabalhos Históricos, Série II Vol.V. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 2004.
- FRÓIS, Virgínia (coordenação), Conversas à volta dos Conventos. Évora: Casa do Sul, [s/data].
- MARQUES, A.H. de Oliveira; GONÇALVES, Iria; ANDRADE, Amélia Aguiar, Atlas das Cidades Medievais Portuguesas. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.
- MARTINS, Mário, Revista de Guimarães, Vol. LXII. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1952.
- Mil Anos a Construir Portugal. Guimarães: Museu de Alberto Sampaio, Julho/Dezembro 2000.
- MORAIS, Margarida (coordenação), Guimarães, cidade património mundial: um objectivo estratégico. Guimarães: CMG, 1998.
- PEREIRA, Paulo (coordenação), História da Arte Portuguesa, Vol.II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.
- PLACZEK, Adolf (coordenação), Andrea Palladio – The Four Books of Architecture. Nova Iorque: Publicações Dover, Inc., 1965.
- SEQUEIRA, José da Costa, Breve Tratado das Cinco Ordens de Arquitectura, G.B. Da Vignola, Teorias e Fontes da Arquitectura. Lisboa: Estar, 2000.
- SILVA, João Belmiro Pinto, Guimarães: nas raízes da identidade. Arrugia Ed., 1999.

Tombo das propriedades rendas e foros deste Convento de Santa Clara de Guimarães, A.M.A.P., MC-30, 1704;

WIEBENSON, Dora, Los Tratados de Arquitectura, de Alberti a Ledoux. Madrid: Herman Blumme, 1988.

<http://www.monumentos.pt>

Índice de Imagens

1. Centro histórico de Guimarães. Fotografia aérea. www.googleearth.com
2. Planta de Guimarães. MORAIS, Margarida (coord.), Guimarães, cidade património mundial: um objectivo estratégico. Guimarães: CMG, 1998;
3. Planta de Guimarães medieval. MARQUES, A.H. de Oliveira; GONÇALVES, Iria; ANDRADE, Amélia, Atlas das Cidades Medievais Portuguesas. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990;
4. Planta da antiga vila ducal de Guimarães. Trabalho do Coronel Mário de Cardoso. Guia de Portugal. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1927;
- 5/6. Fotografia aérea do núcleo medieval de Guimarães. <http://www.monumentos.pt>
7. Claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenho dos autores.
8. Desenho dos autores sobre a planta de cobertura desenhada em 1891 por António Martins Ferreira.
- 9/22. Desenhos dos autores sobre a planta do piso térreo desenhada em 1891 por António Martins Ferreira.
23. Planta do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenho dos autores.
24. Corte Norte-Sul do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenho dos autores.
25. Corte Este-Oeste do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenho dos autores.
26. Estudo do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenho dos autores.
- 27/30. Estudos sobre a planta do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenhos dos autores.
- 31/34. Estudos sobre o pórtico do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenhos dos autores.
- 35/36. Estudos sobre a planta do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenhos dos autores.
- 37/46. Estudos sobre o pórtico do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenhos dos autores.
- 47/48. Estudos sobre a coluna do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenhos dos autores.
49. Coluna do claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Fotografia dos autores.
50. Capitel da coluna do convento de St^a. Clara de Guimarães. Fotografia dos autores.
- 51/52. Capitel e base do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenhos dos autores.

53. Base da coluna do claustro do convento de St^a.Clara de Guimarães. Fotografia dos autores.
54. Base da coluna do claustro do convento de St^a.Clara de Guimarães. Desenho dos autores.
55. Claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenho dos autores.
- 56/57. Claustro do convento de St^a.Clara, actualmente. Fotografia dos autores.
- 58/62. Desenhos dos autores sobre a planta do piso térreo desenhada em 1891 por António Martins Ferreira.
63. Fachada principal do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenho dos autores.
64. Fachada principal do convento de St^a. Clara de Guimarães. Fotografia dos autores.
- 65/66. Estudo sobre a fachada principal do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenhos dos autores.
67. Fachada principal do convento de St^a. Clara de Guimarães. Fotografia dos autores.
- 68/71. Fachada principal do convento de St^a. Clara de Guimarães. Fotomontagens dos autores.
- 72/73. Claustro do convento de St^a. Clara de Guimarães. Desenhos dos autores.

Agradecimentos

Pela disponibilidade, boa disposição e empenho assim como pelo material e informação cedidos.

Museu Alberto Sampaio, na pessoa da Dra. Isabel Fernandes,

Dr. António José de Oliveira,

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, na pessoa da Dra. Teresa Malheiro,

Gabinete Técnico Local de Guimarães, na pessoa da Arq. Alexandra Gesta,

Câmara Municipal de Guimarães, na pessoa do Arq. Miguel Frazão, e Raúl Rocha.